

1 zer à luz da razão como essa comunidade vem enfrentado as adversida-
2 des e transformações ocasionadas pela globalização e seu dinamismo
3 econômico e todas as suas consequências que provocam na vida social
4 mudanças rápidas tanto no meio ambiente quanto nas atividades vistas
5 como tradicionais assim como nas suas identidades. A destruição de es-
6 paços costeiros, o turismo desordenado e a própria dificuldade enfrentada
7 no cotidiano têm levado a esta comunidade o seu afastamento desta ati-
8 vidade socioeconômica, o que nos leva a crer na existência de problemá-
9 ticas estruturais em suas vidas em suas formas de organizações e a pre-
10 sença de conflitos sociais pela sobrevivência que passam a ser corriquei-
11 ros diante das novas realidades que estão imersos.

12 Trata-se de um estudo calcado na compreensão da cultura como
13 instrumental de significação e partindo do pressuposto que toda realidade
14 é visualizada através de representações compartilhada pela constituição
15 de sua narrativa que traz um movimento de resistência e sobrevivência.
16 Distanciando-se de uma concepção elitista de cultura, associada à acumu-
17 lação de conhecimentos, à uniformidade de padrões transmitidos e à ra-
18 cionalidade individualista. Busca-se se aproximar da identidade como
19 processo, da percepção da realidade cultural, de como se dá a transmis-
20 são de modos apreendidos, as relações simbólicas e principalmente a va-
21 lorização cultural. E assim, estabelecer a relação entre a construção da
22 identidade individual e o pertencimento aos diferentes grupos, especial-
23 mente aos grupos sociais que vivem e dependem da interação com a na-
24 tureza, no caso específico, as comunidades de pescas artesanais do muni-
25 cípio de Arraial do Cabo (RJ), localizado na Região dos Lagos.

26 Para isso entendemos que autoidentificação nestas comunidades é
27 um fator primário para que sejam consideradas legítimas na sociedade
28 brasileira. Esta autoidentificação seria um primeiro passo junto ao Minis-
29 tério da Cultura para seu reconhecimento como comunidade tradicional.
30 Para isto se torna elemento integrador a linguagem: as suas narrativas
31 como instrumento socializador para o seu modo de vida que traz a pesca
32 artesanal como estruturante assim como inúmeros universos simbólicos.
33 Ou seja, a pesca como atividade socioeconômica, passada de geração e
34 geração através da história oral assim como seus aspectos simbólicos, ri-
35 tualísticos, seus costumes e tradições, de uma maneira geral suas expres-
36 sões culturais estariam entrelaçados e dariam um sentido maior para esta
37 comunidade formando a sua identidade e, conseqüentemente, o sentimen-
38 to de pertencimento entre os membros da comunidade tornando efetivo o
39 princípio de horizontalidade.

40

1 2. *Fundamentação teórica*

2 Sabemos que para que seja vista como comunidade tradicional
3 pesqueira e ter como pleitear seu reconhecimento é, antes de mais nada,
4 importante a sua autodefinição, entender o sentido de comunidade tradi-
5 cional pesqueira que se faz viva na ação comunicativa, e, que traz consi-
6 go uma questão fundamental a sua atividade socioeconômica e sua cons-
7 trução sociocultural. Em outras palavras, os atores sociais estão imersos
8 em seus grupos, e para que exista um movimento endógeno, é de suma
9 importância o reconhecimento recíproco (HONNETH, 2009), por isso, a
10 comunidade tradicional pesqueira, utilizando como instrumento de co-
11 munição e formação desse indivíduo, a narrativa, permite que haja
12 identificação em si mesma, dando sentido a sua significação e sua repre-
13 sentação no meio social, compostas, dessa forma, pela ação comunicativa
14 na qual traz como fio condutor o reconhecimento social entre eles.

15 Ou seja, sabemos que além das questões simbólicas, refletidas no
16 cotidiano desse segmento social que passa por processos de exclusão so-
17 cial, temos, na atualidade, diferentes enfrentamentos e dificuldades que
18 percorrem o desafio para efetivação do reconhecimento destas comuni-
19 dades tradicionais e que refaçam, ressignifiquem a história da sociedade
20 brasileira democrática, garantindo a cidadania a partir da equidade social
21 e da preservação das particularidades históricas da comunidade pesqueira
22 cabista e, ainda, a memória coletiva baseada no que nos compõe: a diver-
23 sidade cultural (GUIDDENS, 2002). Por isso que neste cenário atual é de
24 extrema relevância pensarmos sobre essa comunidade tradicional
25 (BAUMAN, 2003), sobre a constituição de suas narrativas e suas expres-
26 sões formadas e formadoras da memória coletiva e de seu patrimônio his-
27 tórico cultural e ainda das questões que emergem nos e dos conceitos de
28 diversidade cultural, identidade cultural, e que são, conseqüentemente,
29 traduzidas em seus discursos, na maneira que compõem as formas narra-
30 tivas em seu cotidiano, reconhecida pelos e entre seus pares contribuindo
31 para a fortalecimento do sentimento de pertencimento.

32

33 3. *A identidade cultural e o sentimento de pertencimento: eles inte-* 34 *gradores entre os sujeitos sociais*

35 O sujeito social pós-moderno tem a marca de não ter uma identi-
36 dade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma celebra-
37 ção móvel: a qual é formada e transformada constantemente em relação a
38 um padrão definido nos sistemas sociais e culturais que nos rodeia e que

1 existe antes de pensarmos nascer. Ou seja, são sistemas definidos histori-
2 camente. Isso significa dizer que assumimos identidades distintas em dis-
3 tintos momentos.

4 Então, podemos observar a importância social da formação da
5 identidade. É a identidade que diferencia os indivíduos, o que caracteriza
6 como sujeito social, pessoa, ou como um grupo social. Ela é definida pe-
7 los conjuntos de atribuições de papéis sociais que todos nós desempe-
8 nhamos em nosso dia-a-dia e, é determinada pelas condições sociais que
9 são decorrentes da produção socioeconômica, pelos nossos ideais, com-
10 portamentos e formações. Neste aspecto, estamos identificando um sis-
11 tema antropossociocultural¹ que irá fomentar uma formação de identida-
12 des culturais, especificamente, na sociedade brasileira de acordo com sua
13 história, com seus símbolos e toda uma gama de variáveis que influenci-
14 am e se tornam formadoras de membros de grupos sociais, de comunida-
15 des, entre elas, as comunidades pesqueiras artesanais.

16 Isso significa dizer que, quando nos referimos, no caso, à identi-
17 dade cultural, referimo-nos ao sentimento de pertencimento a uma cultu-
18 ra nacional e específica que esta em nosso meio, que convivemos e ab-
19 sorvemos ao longo de nossas vidas. A cultura nacional é composta não
20 apenas de instituições nacionais, mas também de símbolos e representa-
21 ções que iremos nos deparar em todos os momentos de nossas vidas. Por
22 isso, é importante salientar que esta identidade não é uma identidade na-
23 tural, biologicamente passada, mas sim, uma identidade constituída, ou
24 melhor, uma diversidade de identidades construídas. Stuart Hall (2005, p.
25 15), nesse âmbito, diz que uma cultura nacional é um discurso – um mo-
26 do de construir sentidos que influencia e organiza ações, quanto à con-
27 cepção que temos de nós mesmos.

28 Logo, para ser vista como comunidade tradicional e ter como plei-
29 tear seu reconhecimento social é importante a sua autodefinição, entender
30 o sentido de comunidade tradicional pesqueira em suas distintas regiões,
31 mas que trazem consigo uma questão fundamental a sua atividade socio-
32 econômica, as suas narrativas e, desse modo a sua construção sociocultu-
33 ral, ou seja, o patrimônio cultural. Identificar-se em si mesma, dando sen-
34 tido a sua significação e sua representação no meio social. Por isso ao le-
35 vantarmos e entendermos suas expressões, mapeá-las traz o valor simbó-
36 lico de seus significados históricos, sociológicos, antropológicos e filosó-
37 ficos neste contexto de retalhos que vem sendo massacrado pelas proble-

¹ Termo utilizado por Edgar Morin, em seu livro *Cultura de Massa XX*, vol. II: Necrose (2001)

1 máticas provocadas pela própria globalização possibilitando trazer e for-
2 talecer a memória coletiva. É necessário dar voz a este segmento social
3 para que possamos falar pensar na preservação de suas inúmeras histórias
4 narradas, cantadas, desenhadas e pintadas, seus trabalhos artesanais que
5 mediam o estar no mundo, seu modo de vida cultural e econômico que
6 compõem a sua identidade enquanto comunidade, presente na trama do
7 tecido social baseada na diversidade da sociedade brasileira.

8 Para Stuart Hall (2005) a identidade muda de acordo com a forma
9 como o sujeito é representado e de acordo com o contexto social em que
10 está inserido. Isso nos leva a pensar que a formação da identidade está di-
11 retamente relacionada ao contexto sociocultural e, conseqüentemente, es-
12 tá imersa em valores, regras, sanções, condutas, diferenças e divergên-
13 cias. Assim, a noção de um sujeito tendo uma identidade unificada e es-
14 tável é superada. Esta, por sua vez, passa a ser definida historicamente e
15 com particularidades.

16 Esse fenômeno de descentramento ou deslocamento tem caracte-
17 rísticas positivas. De acordo com Stuart Hall (2005) tal fenômeno desar-
18 tricula as identidades estáveis do passado, abrindo possibilidades para que
19 novas identidades sejam criadas; produz os novos sujeitos, no entanto,
20 não mais como identidades fixas e estáveis. Novos sujeitos fragmenta-
21 dos, com identidades abertas, paradoxais, sempre em processo, assim
22 como a própria história desses sujeitos. Na verdade, é uma concepção la-
23 caniana, ou seja, é a formação do sujeito em relação aos outros. É uma
24 concepção do eu interativo, do espelho. É uma noção de sujeito que sur-
25 ge à medida que as sociedades modernas se tornam mais complexa e ad-
26quirem uma forma mais coletiva e social. Essa visão entende que a iden-
27 tidade dos sujeitos é formada na interação entre o indivíduo, a sociedade
28 e suas manifestações, constituindo o princípio de pertencimento num
29 grupo determinado, específico, em nosso caso, a comunidade pesqueira
30 em Arraial do Cabo.

31 Entretanto, Peter L. Beger e Thomas Luckmann (1985, p. 228) sa-
32 lientam que a identidade é um elemento chave da realidade social subje-
33 tiva também, e como toda realidade subjetiva esta numa relação dialética
34 com a sociedade. A identidade é formada através de processos sociais.
35 Uma vez formada, é mantida, modificada ou tem uma nova remodelagem
36 provocada pelas relações sociais. Assim, Peter L. Beger e Thomas
37 Luckmann (1985, p. 230) afirmam que "A identidade é um fenômeno que
38 deriva da dialética entre um indivíduo e a sociedade. Os tipos de identi-

1 dade, por outro lado, são produtos sociais *tout court*, elementos relativa-
2 mente estáveis da realidade social objetiva".

3 Concordamos com Rawls (in ESTEVES), que há o estabelecimen-
4 to do sentimento do respeito próprio, quando o sujeito social está imerso
5 em alguma pequena associação ou grupo, no interior dos quais as ativi-
6 dades que são valiosas para elas sejam publicamente reconhecidas pelas
7 outras pertencentes ao mesmo grupo ou associação. Isso significa dizer
8 que um dos aspectos mais relevante para se criar este sentimento de per-
9 tencimento a uma associação ou grupo ou comunidade é o aspecto cultu-
10 ral, e assim, a base da constituição de sua identidade cultural.

11 Desse modo, é perceptível que a identidade do sujeito social seja
12 consideravelmente delineada, no sentido de representar a realidade obje-
13 tiva na qual está localizado (HALL, 2005). Em outras palavras: cada pes-
14 soa é mais ou menos aquilo que se supõe que seja, quando consideramos
15 a condição da socialização que produziu tal identidade. Por isso, enten-
16 demos como a identidade, uma das questões fundamentais que, norteia as
17 ações sociais, sua organização e manifestação no espaço público demo-
18 crático, assim como a formação dos indivíduos pertencentes a grupos so-
19 ciais específicos, ou seja, estes indivíduos são socializados para viver em
20 um grupo determinado internalizando valores, costumes, ritos, regras,
21 expressões culturais: tudo aquilo que permite que o identifique. É um su-
22 jeito social definido pela cultura e pelo grupo a que é membro, se identi-
23 ficando com seus pares pelo sentimento de pertencimento, favorecendo a
24 existência e a perpetuação do grupo em si fortalecendo não só a sua his-
25 toricidade, mas sua relação direta com a sociedade e a realidade social
26 que está inserida buscando mediar novas reivindicações e processos so-
27 ciais no espaço público e seu reconhecimento social.

28 No Brasil, ao longo de sua história, poderíamos levantar diferen-
29 tes fatos que demonstram a existência destas dualidades antes mesmos de
30 falarmos no sistema democrático. Mas o que interessa para nós é pensar
31 sob o aspecto territorial e a constituição de comunidades tradicionais que
32 ainda hoje, no século XXI, está à deriva do ideal democrático seja pelas
33 injustiças sócio econômicas ou pelo não reconhecimento enquanto co-
34 munidades tradicionais que estruturaram e estruturam o território e a cul-
35 tura brasileira.

36 A constituição dos atores sociais – em nosso caso as comunidades
37 tradicionais pesqueiras – envolvidos em seus ambientes naturais, tem
38 uma relação direta com suas atividades que são fontes de renda, represen-

1 ta modos de vida, condições materiais e imateriais construídos, perdidos
2 e vivenciados pelos grupos que tendem a uniformizar valores, costumes,
3 rituais, e formando, conseqüentemente, sua identidade cultural. Tal iden-
4 tidade torna-se fator integrante entre os sujeitos sociais e favorecem para
5 que haja a manutenção do sentido de comunidade, como dito anterior-
6 mente, das comunidades pesqueiras artesanais em Arraial do Cabo, no
7 estado do Rio de Janeiro.

8 É deste modo que é de fundamental importância contextualizar e
9 redescobrir os resquícios deste patrimônio cultural material e imaterial,
10 para que possamos refletir e resgatá-los e, assim, trazê-los à luz da co-
11 munity e da sociedade, de uma maneira mais ampla, o que pode favo-
12 recer sua autoidentificação e identificação social enquanto grupo organi-
13 zado coletivamente, preservando não só sua história, sua memória, mas
14 também, estimulando o enriquecimento de tal comunidade no que tange
15 o seu sentido, a sua representação de classe para si, partindo do pressu-
16 posto, que a coletividade quando se constitui através de sua história, de
17 sua cultura passa a ter um viés superestrutural traduzido nos laços de per-
18 tencimento o que, provoca o reconhecimento e quando organizado e re-
19 conhecido, fortalece o grupo em si mesmo na trama social.

20 Concordamos com Henri Acselrad (1992, p. 89):

21 Lutando contra sua remoção ou fixação compulsória, ou contra a inviabi-
22 lização de sua permanência em territórios fundamentais à sua identidade, tais
23 grupos procuram assegurar seus direitos a pastagens, florestas, recursos hídri-
24 cos, caça, coleta, pesca e agricultura. Com construções identitárias que tradu-
25 zem os efeitos de ação do Estado (...) ou inserção mais permanente em conflitos
26 abertos (...), as denominações de uso local e imediato se politizam por in-
27 termédio de propostas, formas organizativas, meios de mobilização e luta, ge-
28 neralizando o localismo das reivindicações e forçando o Estado a uma nego-
29 ciação global baseada em princípios gerais que orientam as políticas públicas.

30 Neste ponto refletimos sobre a relação direta que existe entre os
31 patrimônios culturais e os sujeitos sociais, os sujeitos sociais e a sua rea-
32 lidade sociocultural econômica, ou seja, o sujeito social e o seu ambiente
33 e suas construções, o seu modo de vida intermediado pela narrativa que é
34 socializadora, buscando, então, sobreviver às adversidades do nosso tem-
35 po e mobilizar-se, se torna eixo norteador a formação da identidade cul-
36 tural para que possibilite integrar os membros constituindo entre os pares
37 o reconhecimento recíproco e seu sentimento de pertencimento.

38

4. *Memória social, linguagem e especificidades: a herança cultural e a ação comunicativa na socialização*

Partindo de Peter L. Beger e Thomas Luckmann (1985), sabemos que a linguagem usada na vida cotidiana nos fornece as objetivações que serão repletas de sentido dentro de uma ordem determinada pelo modo de vida, pela vida social de uma maneira geral. Logo, a linguagem ganha significação por aquele que a vivencia, determinada por um lugar geograficamente definido, usa instrumentos e vive dentro de uma teia de relações sociais. Em outras palavras, “a linguagem marca as coordenadas de minha vida na sociedade e enche esta vida de objetos dotados de significação”. (BEGER & LUCKMAN, 1985, p. 39)

Tais autores afirmam que a significação dada aos elementos fornecidos pela linguagem para obtenha sentido e representação passa pela intersubjetividade, numa relação composto entre os membros de um grupo, de uma comunidade, essa intersubjetividade acaba fomentando a diferenciação entre os diversos grupos que compõem a sociedade de maneira ampla, pois compõe a realidade social vivenciada pela formação de uma consciência de si e do outro. Isso significa dizer que há uma correspondência entre os diversos significados nesse mundo da vida cotidiana, que são partilhados, são comuns e, por isso, são apreendidos. A linguagem, então, é intermediadora, devido a sua capacidade de comunicar significados e objetos. Ou seja, a realidade da vida cotidiana é admitida como sendo a realidade (BEGER & LUCKMAN, 1985, p. 40). Nesse aspecto, concordamos com Peter L. Beger e Thomas Luckmann (1985, p. 43):

A linguagem comum de que disponho para a objetivação de minhas experiências funda-se na vida cotidiana e conserva-se sempre apontando para ela, mesmo quando a emprego para interpretar experiências em campos delimitados de significação.

Ao constatarmos o papel integrador que a linguagem faz e favorece entre os interlocutores, entendemos que é através da linguagem que temos um grande acervo de um grande conjunto de sedimentações coletivas que são adquiridas e que podem ser reinventadas e reinterpretadas diante das nuances vivenciadas pelo grupo, assim como pela própria dinâmica social. O fato é que pela ação comunicativa o processo de socialização é praticado, tanto a primária quanto a secundária, formando o indivíduo a partir dessas sedimentações coletivas, construídas historicamente, e que, na verdade, são passadas de geração para geração, tendo a interiorização da realidade social e formação de sua memória coletiva perceptí-

1 veis as interações da vida cotidiana, mas, que pode ganhar novos senti-
2 dos, significações. Segundo Peter L. Beger e Thomas Luckmann (1985,
3 p. 173):

4 (...) o indivíduo não nasce membro de uma sociedade. Nasce com a predispo-
5 sição para a sociabilidade e torna-se membro da sociedade. Por conseguinte,
6 na vida de cada indivíduo existe uma sequência temporal no curso da qual é
7 induzido a tomar parte na dialética da sociedade. O ponto inicial deste proces-
8 so é a interiorização, a saber a apreensão ou interpretação imediata de um
9 acontecimento objetivo como dotado de sentido, isto é, como manifestação de
10 processos subjetivos de outrem, que desta maneira torna-se subjetivamente
11 significativo para mim (...) Sem dúvida, este assumir em si mesmo constitui
12 em certo sentido um processo original para cada organismo humano e o mun-
13 do, uma vez assumido pode ser modificado de maneira criadora ou (menos
14 provavelmente) até recriado. Em qualquer caso, na forma complexa de interio-
15 rização, não somente compreendo os processos subjetivos momentâneos do
16 outro mas compreendo o mundo em que vive e esse mundo torna-se meu pró-
17 prio.

18 Quando estabelecemos a relação da memória com o processo so-
19 cializador, temos a narrativa sendo utilizada como grande instrumento
20 para que haja entre os membros do grupo, da comunidade uma integração
21 através de suas lembranças, de seus recortes, de suas vivências que po-
22 dem ser ressignificadas. Logo, percebemos a memória com um papel ca-
23 talisador entre os indivíduos.

24 É nesse contexto que buscamos compreender a origem da palavra
25 memória, que está associada à deusa *Mnemosine*. Essa deusa, conhecida
26 como musa inspiradora e protetora das Artes e da História estaria no cam-
27 minho dos homens por permitir que ele se comunique uns com os outros,
28 assim como tenha a recordação dando sentido a sua existência entre seus
29 pares. (LE GOFF, 2000, p. 21-44)

30 Em outras palavras, quando entendemos a palavra memória, es-
31 tamos afirmando que a memória permite o ordenamento do mundo antes
32 de existirmos, ela permite que a vida coletiva seja organizada, garantindo
33 os modos de vida através de lembranças, vivências e compartilhamento
34 de valores, rituais, tradições, em suma, especificidades dos diferentes
35 grupos sociais que em todos instantes podem sofrer ressignificações e
36 reinterpretações mediante a dinâmica social estabelecida na narrativa e
37 autonarrativa que trazem tais recordações formadoras da memória coleti-
38 va.

39 Segundo Ecléa Bosi (1994, p. 55):

1 [...] na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir,
2 repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memó-
3 ria não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do
4 passado, "tal como foi", e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lem-
5 brança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa
6 disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atu-
7 al. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a
8 mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os
9 mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideia-
10 as, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado,
11 no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a
12 sua diferença em termos de ponto de vista.

13 Como Peter L. Berger e Thomas Luckmann (1985) afirmam, a
14 construção social da realidade se deve a formação do indivíduo no meio
15 em que vive favorecido pela objetividade do que é transmitido e subjetivi-
16 dade pela interpretação. É fato a influência sobre o indivíduo pelas ins-
17 tituições sociais como a família, a religião, a organização da vida social,
18 econômica e política, além de aspectos da própria vida cultural. A consti-
19 tuição da memória coletiva via a narrativa torna-se, assim, vivenciada pe-
20 los membros da comunidade, permitindo que haja um primeiro reconhe-
21 cimento entre eles, o que pode ser percebido com a existência do senti-
22 mento de pertencimento, e, por mais, que haja diferentes formas de inter-
23 pretar e representar a própria memória individualmente, temos pontos de
24 interseções que traduzem a identidade cultural do próprio grupo, refletida
25 entre os pares no seu cotidiano.

26 Isso não significa dizer que a memória não sofra alterações, é jus-
27 tamente ao contrário. Maurice Halbwachs (1990) no diz que a memória
28 não permanece inalterada, na verdade, a memória, não reproduz de forma
29 simétrica a imagem do que foi vivido, do passado, assim na verdade, a
30 memória é uma reconstituição, uma reprodução sobre o viés de pontos de
31 vista. Dessa forma, a memória coletiva se faz a partir da interseção dos
32 sujeitos sociais que se relacionam uns com os outros, dando, então, sen-
33 tido ao passado existente no consciente e inconsciente dos indivíduos e a
34 sua relação com o presente.

35 É nesse aspecto que percebemos a importância da memória cole-
36 tiva para a construção da realidade social, da realidade vivenciada na di-
37 nâmica social por cada sujeito social. Seriam versões contadas, interpre-
38 tadas e que são de suma relevância para que os sujeitos sociais possam
39 garantir a existência do grupo assim como de seu modo de vida e suas
40 redefinições mediante as novas urgências, desafios, experimentações,
41 dificuldades e necessidades sociais.

1 **5. Comunidade tradicional pesqueira cabista: alguns elementos da**
2 **narrativa e o patrimônio histórico cultural imaterial em Arraial do**
3 **Cabo**

4 Dentro da perspectiva do interacionismo simbólico, na qual os indiví-
5 duos atribuem significado simbólico aos objetos sociais, que incluem
6 as pessoas com quem se interagem socialmente. Os alunos passaram a
7 fazer uso do self que corresponde às ideias e sentimentos que os indiví-
8 duos têm de si mesmos, produzindo um texto biográfico no qual destaca-
9 ram os principais fatos de sua vida e de sua família com a seleção de fatos
10 e situações sociais simultâneos a períodos de sua vida. O interessante
11 é que passaram a se caracterizar a partir de uma distinção básica entre
12 dois tipos sociais de Arraial do Cabo, o nato, chamado de cabista e o mi-
13 grante, chamado de caringô. E mais o bifó é o esperto, é o que dá golpe
14 em todo mundo, é o malandro. O cabista nato, independente de ser pes-
15 cador ou não, recebeu o apelido de xaréu dos natos da cidade de Cabo
16 Frio. Como o xaréu é um peixe considerado de terceira, tal apelido não
17 passa de uma provocação do pessoal de Cabo Frio, que no passado ouvia
18 como retaliação dos cabistas que é melhor ser um xaréu do que ser um
19 carapicu ou um camarão do esgoto que desemboca na Lagoa de Ararua-
20 ma. Porém, nos dias de hoje, parece que ninguém mais se ofende ao ser
21 chamado de xaréu, e a identificação com o peixe foi assumida a ponto de
22 qualquer cabista nato dizer dos cabistas de um modo geral, que todos nós
23 somos xaréu.

24 Assim, ser um xaréu é ser de Arraial do Cabo em oposição a ser
25 um camarão, ou seja, um nato de Cabo de Frio. Provocações não faltam
26 quando se trata de comparar peixes com pessoas, levando em considera-
27 ção que no local existe uma escala de qualidade para o pescado que valo-
28 riza primeiramente os peixes de carne branca de fundo, ou de toca, do ti-
29 po badejo, garoupa e xerne, que só são pescados de linha ou de mergu-
30 lho; seguidos por peixes de carne branca, pescados de rede, do tipo an-
31 chova e cavala, e depois, em terceiro lugar, por peixes de carne vermelha.

32 Neste aspecto foi possível estabelecer a relação entre a construção
33 da identidade individual e o pertencimento aos diferentes grupos e insti-
34 tuções sociais a luta pelo direito de ser pescador e de participar dos fes-
35 tivais de recursos marinhos que ocorrem na região. Como exemplos, te-
36 mos ao longo dos diferentes festivais gastronômicos realizados pela e pa-
37 ra as comunidades tradicionais de pescas artesanais de diferentes tipos.
38 São rituais que trazem a sua memória coletiva e fomentada pela sua his-
39 toricidade compartilhada pelos membros dessa comunidade tradicional

1 pesqueira. Assim, temos o festival de lula na Praia Grande, em Arraial do
2 Cabo, festival do marisco na praia do Perú, em Cabo Frio, e festival de
3 camarão na praia do Siqueira, também em Cabo Frio, são festas que fo-
4 ram criadas em um ambiente de celebração da fartura, mobilizam as fam-
5 ílias dos pescadores e demais moradores, cada uma responsável por
6 uma barraca, como também estimulam a criatividade dos cozinheiros no
7 preparo das iguarias conforme as mais variadas receitas, em um rito que,
8 ano a ano, vem reunindo mais adeptos e incentiva o turismo na região em
9 épocas de baixa temporada. Ocorrem, em geral, respectivamente em
10 março, abril e julho. Para participar tem que ser identificado como pes-
11 cador e/ou extrator tradicional, demonstrando como a identidade de pes-
12 cador ou maricultor é um mecanismo de articulação política, social e
13 econômica.

14 O fato é que ao buscar entender o processo de construção do per-
15 tencimento e enraizamento do indivíduo nos grupos sociais refletimos
16 sobre suas narrativas e os processos sociais em busca de direitos a partir
17 dos modos de vida, de sua memória coletiva que podem gerar o senti-
18 mento de pertencimento grupais e institucionais. Para isso, é de suma
19 importante manter a nossa pesquisa para que possamos analisar as rela-
20 ções simbólicas geradas da interação entre natureza e pessoas, além de
21 entender a identidade social como processo de articulação política e soci-
22 al a partir da constatação da comunidade pesqueira como uma comunida-
23 de tradicional do território brasileiro, podendo então refletir e contextua-
24 lizar o sentido real de justiça ambiental e social para este segmento da
25 sociedade brasileira.

26

27 6. *Conclusão*

28 O estudo da história local, especialmente a partir de relatos orais,
29 possibilitou verificar a identidade como processo, a percepção da reali-
30 dade cultural, a transmissão dos modos apreendidos, as relações simbóli-
31 cas e principalmente a valorização cultural em que notamos uma lingua-
32 gem específica com atribuição de valores e sentidos.

33 Assim, estabeleceu-se a relação entre a construção da identidade
34 individual e o pertencimento aos diferentes grupos e instituições sociais
35 com a luta pelo direito de ser considerada uma comunidade tradicional
36 que tenha a legitimidade territorial a justiça ambiental e social e se man-
37 ter dignamente na região, se maneira que é perceptível sua forma de or-

1 ganização entre os membros envolvidos: o trabalho com a pesca, sendo
2 considerados como um dos povos do mar.

3 Visualiza-se como as relações simbólicas geradas nas relações ob-
4 jetivas entre moradores e suas atividades ligadas ao mar, podem ser vis-
5 tos como forma de mobilização em torno de um processo de afirmação
6 identitária em que se constrói um o sentido de identidade que tenta, ainda
7 que a sociedade faça um processo de exclusão, sua legitimação mediante
8 a necessidade de pertencimento para com seus pares, o que permeia a
9 comunidade de pesca artesanal no município de Arraial do Cabo, tentan-
10 do resistir às adversidades encontradas em seus cotidianos, formando
11 seus bens culturais ao longo da história da sociedade brasileira tendo co-
12 mo base no processo socializador a sua narrativa repleta de símbolos, re-
13 presentações e significações.

14 Ainda temos muito o que levantar das expressões e manifestações
15 culturais deste povo do mar cabista, de uma maneira geral, do patrimônio
16 cultural desta comunidade tradicional de nosso território brasileiro. Te-
17 mos muito que entender sobre as variáveis encontradas ainda em sua nar-
18 rativa, em sua historicidade, temos que desvendar suas particularidades e
19 multiplicidades que garantem suas histórias e memórias e o seu senti-
20 mento de pertencimento. O fato é que nossa história é um complexo mo-
21 saico de culturas e povos que transitam na nossa sociedade e enfrentam,
22 no dia-a-dia, verdadeiros dilemas para que possam ser vistos e reconhe-
23 cidos como parte íntegra da sociedade brasileira e são os aspectos cultu-
24 rais que podem promover sua autoidentificação e, conseqüentemente, o
25 reconhecimento recíproco entre os pares, o que é de suma relevância no
26 contexto da justiça ambiental e social, em nosso caso, para comunidade
27 pesqueira em Arraial do Cabo.

28

29

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

30 ACSELRAD, Henri. Cidadania e meio ambiente. In: _____. (Org.). *Meio*
31 *ambiente e democracia*. Rio de Janeiro: IBASE, 1992.

32 _____. Políticas ambientais e construção democrática. In: _____. (Org.).
33 *Meio ambiente e democracia*. Rio de Janeiro: IBASE, 1992.

34 BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo*
35 *atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

- 1 BEGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da reali-*
2 *dade*: tratado de sociologia do conhecimento. Trad.: Floriano de Souza
3 Fernandes. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- 4 BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*: lembranças de velhos. 3. ed. São
5 Paulo: Cia. das Letras, 1994.
- 6 BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil,
7 2007.
- 8 CASTELLS, Manuel. *A era da informação*: economia, sociedade e cultu-
9 ra, vol. I. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- 10 DIEGUES, Antônio Carlos; ARRUDA, Rinaldo Sergio Vieira. *Saberes*
11 *tradicionais e biodiversidade no Brasil*. Ministério do Meio Ambiente,
12 dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal. São Paulo: COBLO,
13 NUPAUB, 2000.
- 14 ESTEVES, Júlio Ramos. *Justiça ambiental*: o problema de distribuição
15 de custos e benefícios da exploração do petróleo para as comunidades
16 pesqueiras da bacia de Campos. [No prelo].
- 17 GUIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro:
18 Zahar, 2002.
- 19 HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- 20 HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janei-
21 ro: DP&A, 2005.
- 22 HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento*. São Paulo: Editora 34,
23 2009.
- 24 LE GOFF, Jacques. *História e memória*, vol. II. Lisboa: Edições 70,
25 2000.
- 26 LITTLE, Paul Elliott. *Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil*:
27 por uma antropologia da territorialidade. Série Antropologia, nº 322.
28 Brasília: Departamento de Antropologia/UnB, 2002.
- 29 MELLUCI, Alberto. *A invenção do presente*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- 30 PRADO, Simone Moutinho. *Da anchova ao salário mínimo*: uma etno-
31 grafia sobre injunções de mudança social em Arraial do Cabo/RJ. Nite-
32 rói: Eduff, 2002.

- 1 _____; SILVA, Edson Pereira. *Meio ambiente e identidade social: uma*
- 2 *perspectiva interdisciplinar*. Relatório final – CNPq Mais, 2003.
- 3 RAWLS, John. *Uma teoria da justiça*. Trad.: Almiro Pisetta e Lenita M.
- 4 R. Esteves. São Paulo: Martins Fontes, 2000.